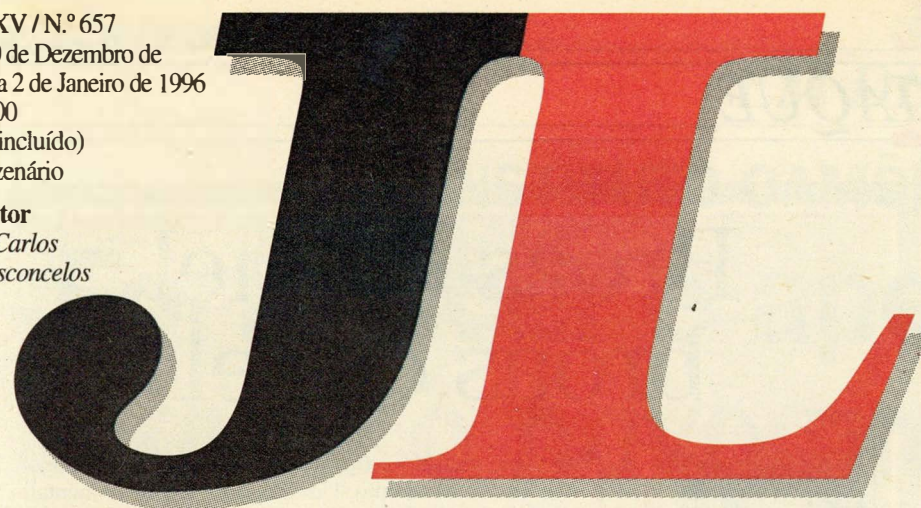
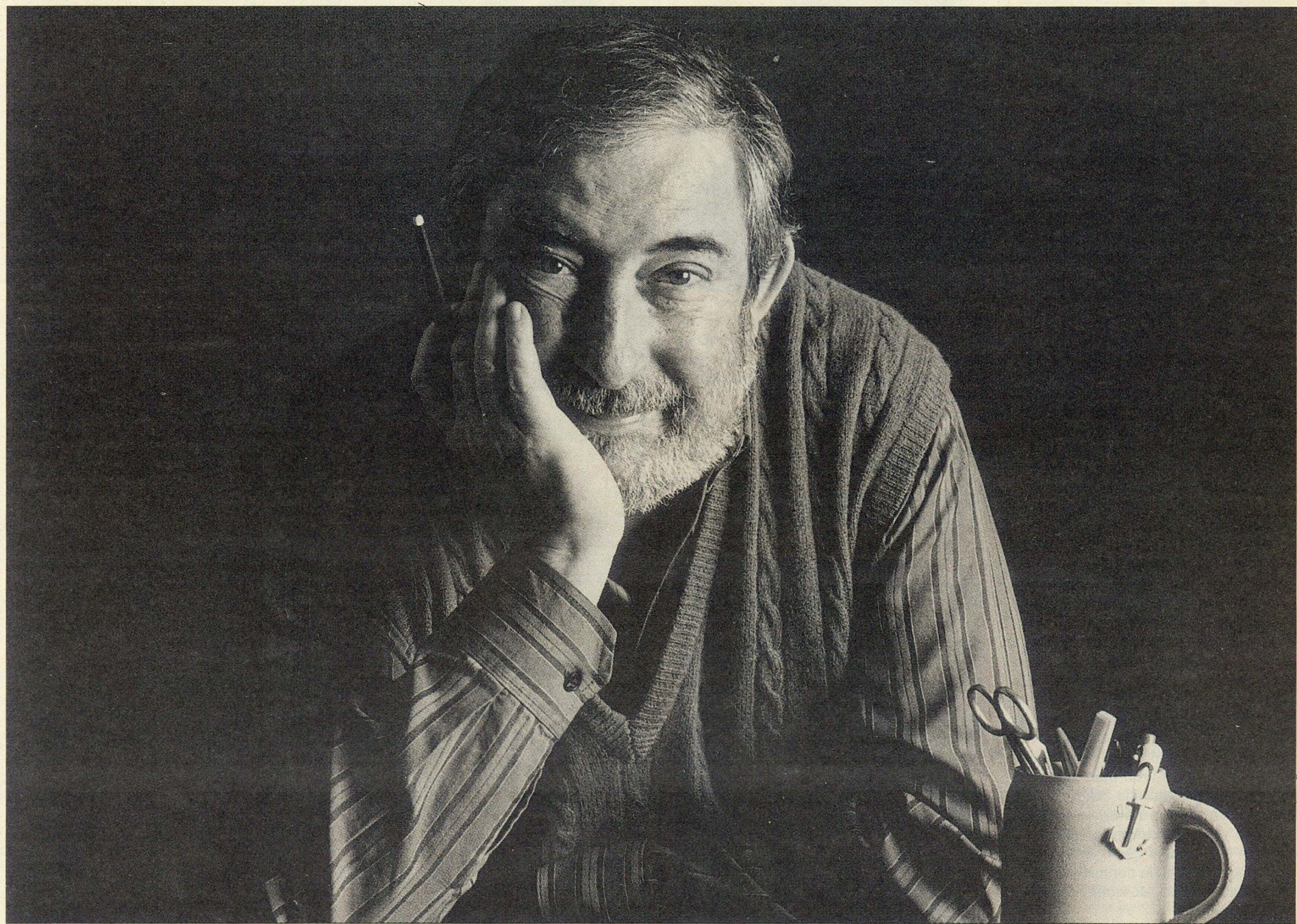


Ano XV / N.º 657
De 20 de Dezembro de
1995 a 2 de Janeiro de 1996
300\$00
(IVA incluído)
Quinzenário

Director
José Carlos
de Vasconcelos



JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

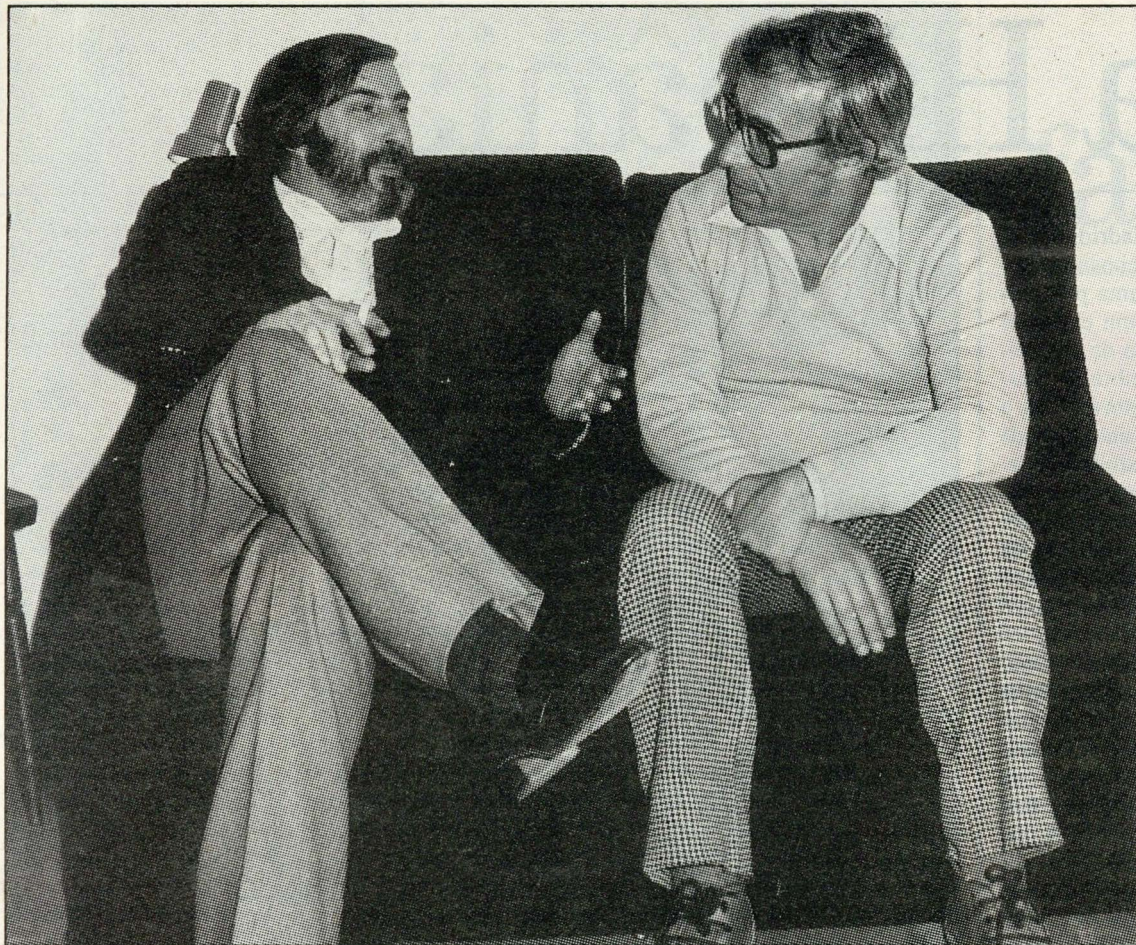


FOTOGRAFIA DE JOÃO FRANCISCO VILHENA

FERNANDO ASSIS PACHECO

E havia Outono

Biobibliografia e inéditos • Textos de, entre outros, Antonio Tabucchi, Brigitte Paulino-Neto, Luís Sepúlveda, Joaquim Manuel Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, Jorge Amado, José Bento, José Cardoso Pires e Manuel Alegre



«E Havia Outono?»

JOSÉ CARDOSO

*«Havia o que não esperas:
lágrimas como folhas cegas
explodindo ao de leve;
e a morte»*

Fernando Assis Pacheco

...SOUBE ENTÃO que morreste a folhear livros na Buchholz, sempre à procura de vozes e eu, deserto, frente ao mar da Caparica naquela janela que tu sabes, nunca vi Outono mais desgraçado do que aquele. Foi de manhã, 7 de Dezembro. Sublinho-te a data porque tu no Outono astronómico, que é o mais impetuoso porque entra por Dezembro em fúria, vias amantes a meio da loucura a voarem como facas para o teu peito (pelo menos escreveste isso na **Musa Irregular**) e era nessa época que lias melhor certos poetas, assim como certos amores só os podias ter na idade das vindimas. Até isto, esta Caparica, tu achavas então dourada, num areal encardido e desprezado.

E agora, Assis, vê tu o que são as coisas. Vê tu como o teu Outono, com voz pesada de ancião maldito, te despacha de repente do nosso mundo natural como se assim não pudesse deixar de ser. E despachou, porra.

Por isso é que eu, de telefone esquecido numa janela frente ao mar, ainda me sinto mais impreciso e não consigo rever-te senão em sol aberto e com um riso de felicidade, fulgurante de sabores, quase carnal. Recordo-me duma caldeirada de tordos que comemos aqui num Maio de

mimosas floridas e que te serviu de pretexto para o artigo com que abriste o primeiro número do «Jornal de Letras e Artes»; da saudação solene que dali enviámos ao José Carlos de Vasconcelos, ausente, como de costume, em Freamundos de mundos vários mas sempre exacto nos instantes decisivos; e claro que também não esqueço os whiskies com que várias vezes sublinhámos nossos entardeceres.

Isso, sim, foste tu; foi Caparica. Mas hoje não; hoje anda uma vaga bruma a rolar no areal, uma invasão desolada. Mesmo assim, se eu não fosse o desencantado que sou talvez pudesse imaginar-te a sair dessa brancura cega com a tua barba de espinhos e o teu olhar a luzir de traquinice. E diria: Sobe, Assis. Senta-te aqui, que a Primavera não vai demorar.

E NÃO DEMORARIA, juro-te.

Contigo ao pé de mim, viria urgente porque trabalhámos juntos várias estações de vários anos, andámos por livros e amigos comuns, jornais, liturgias de bar, Espanhas, Copenhagas, Brasis, até que de repente, estavas tu na Livraria Buchholz a vaguear por páginas dum mundo longe do teu, foste-nos roubado à traição sem um abraço de adeus. Ao menos levaste: «copos, e esses amigos desfeitos na barra» (como naqueles teus versos em que te apresentas, precisamente como Escritor à Barra no Chiado). Mas os outros, os amigos que ficaram e que são

tantos? E o resto, os versos, meu sacana, que tu andaste a rarear toda a vida até que um dia abriste o capote e os sacudiste para o mundo como uma poalha de maravilhas luminosas? E o Benito Prada? E imaginação de tanta escrita deitada aos jornais?

Sabes, a viagem sem regresso morre nas recordações como dizia o meu avô, mas quem, como tu, deixou por escrito o muito bom de si para orgulho de todos nós não pára de viajar. E quem, como tu, tu, amou a vida não morre facilmente (mesmo na guerra morreste dez vezes para naceres outras dez, não te esqueças) e talvez por isso te dissessem um homem feliz, como diziam. E, caramba, se o foste. Um homem e um escritor de mão feliz. Não imaginas, rapaz, a maravilhosa Rosarinho, rodeada por Las Meninas e pelo João Pacheco tão corajosos como ela. Nem aquela reunião na tasca do Bairro Alto organizada pelos putos da VISÃO: como eles sabiam de ti e como, na imaginação e na recusa ao fácil, me fizeram pensar uma ou outra vez que eram como se fosses tu a despedir-te de ti próprio.

Sim, um homem feliz. Aqui para nós palpita-me que não vou tardar muito a ir ter contigo, é cá uma fé, e até já sei que te vou encontrar «solitário, diante duma folha branca» como o Maiakovski. Mas, sabes?, enquanto por cá ando fazes-me falta. Bastante, Assis. Mesmo bastante, acredita.